

APRESENTAÇÃO

Desde seu lançamento, a REALIS sempre procurou lançar não apenas números temáticos, mas também números que agregassem artigos que recebemos em regime de "fluxo contínuo" e que contemplam as interfaces empíricas e epistemológicas sobre antiutilitarismo e pós-colonialidade. Esta é a décima-sexta edição da REALIS, correspondente ao Vol. 8, N.2 (2018.2) e que se insere nesta segunda categoria de organização. Aqui estão reunidas contribuições inéditas e que dinamizam debates emergentes no campo das ciências sociais e políticas em áreas temáticas que contemplam mobilizações sociais, educação, colonialidade, supranacionalidade, conflitos e intelectualidades a partir de algumas instigantes e profícuas heterotopias da América Latina, em um constante diálogo que se retroalimenta com realidades de outras partes do mundo.

O heterogêneo, vibrante e muitas vezes obscurecido "Pensamento social latino-americano", este amálgama epistêmico que, grosso modo, engloba parte dos chamados "Pensamentos do Sul" revelam, através dos artigos agora apresentados, uma vez mais sua relevância para a produção internacional do conhecimento científico e acadêmico. Sendo assim, este número tanto apresenta coerência com os números anteriores já produzidos pela REALIS, quanto inova ao problematizar com rigor e perspicácia certas questões sociopolíticas contemporâneas. Questões estas que, comumente, são refletidas pelo viés da superficialidade, sobretudo nestes tempos tão marcados pela profusão de informações (e opiniões) através das redes sociais e também pela ausência de uma *media literacy* que pudesse minimamente conceder-lhes inteligibilidade ou, em termos aristotélicos, os fundamentais elementos de ethos, logos e pathos.

Gostaríamos de agradecer a todas e todos que contribuíram para a consecução deste número: autoras e autores, membros do comitê editorial e científico da REALIS, pareceristas e também ao Secretário de Redação, Éder Leão. A imagem que ilustra a capa é uma charge do cartunista e jornalista Henrique de Souza Filho, mais conhecido como Henfil. A imagem faz parte do livro "Diretas Já", publicado originalmente em 1984 e que, como sugere o título, era composto por charges e textos curtos que visavam, através do humor, refletir sobre o então processo de luta pela redemocratização do Brasil. Nos

parece pertinente que, 35 anos depois, o Brasil e outros países latino-americanos vivenciem processos de luta, reivindicação, contestação e até mesmo oposição ao Estado democrático de Direito. Trata-se de uma edição bilíngue, com textos em português e em castelhano, que refletem, direta ou indiretamente, como tais processos apresentam permanências, descontinuidades e novas dinâmicas em relação aos estados de colonialidade e de enfrentamento às formas de utilitarismo que integram o cotidiano das populações dentro e fora da América Latina.

Os debates desta edição se iniciam com o texto “Lucha social indígena y paisaje. Caso de Salitre, Costa Rica”, de Allen Cordero Ulate. Dedicado ao líder indígena costarricense Sergio Rojas Ortíz, assassinado em 18 de março de 2019 e que colaborou com as pesquisas empíricas do autor, o artigo analisa as modificações socioculturais e políticas recentes ocorridas em Salitre, território indígena da Costa Rica. O texto aborda como as cosmologias indígenas foram inseridas nos respectivos processos de luta político-cultural pela recuperação paisagística do território frente às intervenções implementadas pelos interesses produtivos econômicos.

Em seguida, Mariana Albuquerque reflete em seu artigo a construção sócio-histórica da identidade latino-americana através dos ensaios-sociais América Latina: “males de origem” (1905), de Manoel Bomfim, e “O labirinto da solidão” (1950), de Octavio Paz. Baseada numa perspectiva analítica decolonial, a autora postula a necessidade de revisão sobre os significados subjacentes à noção de América Latina, utilizando para este fim o argumento que a lógica da colonialidade é parte constitutiva da modernidade e propõe o conceito de “identidade subjugada”. Já no artigo “Ações coletivas, novas formas de articulação política-oligárquica e o declínio das esquerdas latino-americanas”, Dana Milena Chávarro e Wellington Duarte Pinheiro analisam como o surgimento de políticas utilitaristas como o neodesenvolvimentismo e neoextrativismo latino-americano implicou a destituição do ideal republicano e a queda dos regimes de esquerda em alguns países latino-americanos. Na opinião destes autores, a discussão antiutilitarista e os debates decoloniais podem permitir a articulação de novos pactos políticos republicanos na região e a estruturação de novas possibilidades de ativismo político diante destes imperativos neoliberais e de privatização da vida humana em quase todas as suas esferas.

Dando continuidade, Luis Silva Barros busca compreender o que chama de “nova direita brasileira” por meio da atual crise moral e política no Brasil contemporâneo. O autor demonstra que as práticas autoritárias, patriarcais e patrimoniais que predominam no Brasil e na América Latina não são resultado apenas de concepções e cosmologias utilitaristas, mas principalmente de influências mercadológicas que fundamentam e alimentam tais práticas. Em seu artigo “Supranacionalidade como construção de uma variável interveniente”, Edelcio Vigna Oliveira conceitua a relação entre identidade e territorialidade regional através de pressupostos teóricos antiutilitaristas e pós-coloniais. Para este autor, os diversos fatores constitutivos da supranacionalidade, perpassam diversas dimensões e por isso, seria importante a formulação de novas formas de resistência contra a colonialidade gerada e imposta através dos meios mediáticos, culturais e estruturais pela “episteme neocolonialista euroamericana”.

Em seu brilhante artigo “Historia y Destino: Utopía de una paz selada por una nueva educación”, Gabriel Restrepo analisa historicamente e epistemologicamente como a esfera da educação formal foi circunscrita na América Latina nos últimos 200 anos por uma “paisagem teórica” que poderia ser compreendida a partir de quatro autopoiesis: uma orgânica, uma comunitária, uma social formadora de solidariedade e outra simbólica e fonte de criatividade. Com isso, o autor oferece importantes e fecundos subsídios para compreendermos as principais concepções e práticas pedagógicas que foram conduzidas em diversos países latino-americanos a partir de processos de reflexividade crítica que possuem vertentes do antiutilitarismo e da decolonialidade como referências epistêmicas.

Altiere Freitas, com seu artigo “Notas sobre o contexto de trabalho do grupo Modernidade/Colonialidade: Universidade, horizontes utópicos e desafios teóricos”, busca refletir o pensamento decolonial latino-americano através da comparação entre alguns pressupostos de teóricos como Quijano, Dussel e Mignolo e suas particulares articulações com os EUA e alguns da América do Sul. Por fim, esta edição da REALIS finaliza com a instigante entrevista “Diálogos sobre el pensamiento colectivo crítico y movimientos al intelecto social” com Alberto Bialakowsky e que foi produzida por Liseth Olarte, Karla Solari Pérez, Huber Alvarado Castro e Andrea Schenk. Com sua peculiar

erudição e utilizando uma perspectiva dialógica, Bialakowsky reflete de forma criativa e inovadora sobre algumas importantes relações entre movimentos sociais que emergiram no século XXI e correntes críticas atuais do pensamento latino-americano.

Enfim, acreditamos que uma vez mais, oferecemos aos leitores um número profícuo e relevante, com reflexões criativas e pertinentes que possibilitam a estruturação de diversas perspectivas de análise, tanto em termos de premissas epistemológicas, quanto de aprofundamento e dinamização de questões reflexivas “tradicionais” nas áreas do antiutilitarismo e da pós-colonialidade. Os artigos apresentados evidenciam a relevância social, política, cultural e acadêmica da produção de conhecimento científico no âmbito das ciências humanas, particularmente das ciências sociais. Na conjuntura política contemporânea do Brasil, na qual a relevância da produção científica da sociologia, da antropologia e da ciência política é vilipendiada e questionada por atuais e temporários representantes do poder executivo brasileiro, entendemos que a REALIS, assim como inúmeras outras revistas científicas da área das ciências humanas no Brasil, reitera seu rigor científico e seu compromisso social e, em articulação com outras revistas científicas sociais brasileiras, afirma-se como mais um dos polos de resistência científica e acadêmica diante dos imperativos retrógrados, conservadores e neoliberais que pleiteiam o cerceamento do pensamento crítico. Não iremos desistir. Não iremos recuar. Seguiremos em frente e cada vez com mais força na difusão do pensamento antiutilitarista e pós-colonial: pensamentos estes que já comprovaram ser importantes não apenas para os processos de pluralidade epistemológica, mas sobretudo aos processos de consolidação e luta contínua pelos valores democráticos e pela justiça social. Desejamos uma boa leitura a todas e todos.

Lisboa, 7 de junho de 2019

Marcos de Araújo Silva

Investigador do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, CRIA, Portugal